

**A América Latina e possíveis caminhos para se trabalhar em Rede –  
ensaio**

*Por Carlos Tulio da Silva Medeiros<sup>1</sup>*  
*Diálogos en Mercosur*

Que pasa en América Latina, en nuestra América? La siesta subtropical parece haber terminado, conjuntamente con esa vaga sensación de que todo podía relegarse a un mañana distante. Nuevas fuerzas, poderosas ideas y esperanzas, la están agitando, la obligan a tomar conciencia de si y a asumir un destino al que se rehusaba. Latinoamérica entra en escena: es decir, se niega a continuar en su estado semicolonial, sometida al provecho extranjero y a la retórica huera, y quiere ser independiente, auténtica, justa, parte al fin de un nuevo mundo mejor. (Rama, 2006<sup>2</sup>).

No ano de 2002, a professora Maria Helena Martins, criadora do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, publicou um livro intitulado *Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*, cujo conteúdo de pesquisa se concentrava nos temas como globalização, cultura, fronteira/fronteiras, multiculturalismo, identidade nacional, América Latina, integração e intercambio cultural, Mercosul, enfim, tudo aquilo que podia envolver os mais variados interesses dos países em questão. Como boa articuladora, a partir de sua *rede* de contatos, Maria Helena reuniu vários investigadores que, a partir de suas experiências – acadêmicas ou não – procuraram dar ao leitor uma visão profunda a respeito do Cone Sul. Dividiu a obra em duas partes: I. *Panorama* e II. *Aproximações*. Na primeira parte do livro, dentro do capítulo denominado *Multiculturalismo, Identidade Nacional, Integração Cultural*, há um instigante ensaio do brasileiro, porto-alegrense, Flávio Aguiar, denominado *A América Latina não existe*. O título já trazia uma provocação ao leitor para que este fizesse uma autorreflexão, sobretudo, a

---

<sup>1</sup> ctuliomedeiros@gmail.com

<sup>2</sup> Publicado na Revista *Marcha*, no. 1090, 29 de dezembro de 1961).

respeito de sua própria condição de latino-americano. Pode-se admitir que isso tem sido, inclusive, um dilema, especialmente para aqueles cidadãos *hispano-hablantes*. do continente, uma vez que a questão identitária é uma discussão permanente e recorrente. Antenado aos processos midiáticos que já anunciavam um (novo) futuro próximo, surpreende encontrar no ensaio de Aguiar, ainda que, de certa forma, solto no meio de uma obra que fala, de maneira especial, da problemática fronteiriça que envolve o Mercosul, palavras ou termos como rede, virtual, inclusão/exclusão, solidariedade, bem como o chamamento da necessidade da mudança cultural do ser latino, para este trabalho intelectual e compartilhado.

Temos visto que dentro ou distante da academia, o investigador latino-americano, até pelas imensas dificuldades acadêmicas que todos encontram, desde o próprio processo de capacitação ao contato com colegas de outras instituições, tem feito um grande esforço para participar dos trabalhos em rede, em grupos de investigação ou outra qualquer atividade na qual ele possa, antes de tudo, trocar experiências. Apesar do esforço, muitas vezes, tem esbarrado no sentimento mais egoísta que, geralmente, muitos acadêmicos desenvolvem, que é a própria crise particular de protagonismo de cada um, o que emperra, na maioria das vezes, uma boa relação de trabalho.

No texto *A América Latina não existe*, Aguiar reforça que o continente está por fazer-se e que este “fazer” deve ser elaborado a partir de um projeto cultural, cujo embrião “é uma possível rede de trabalho intelectual que distinga raízes comuns e que estabeleça pontes de relação entre seus e com outros povos” (Aguiar, p. 65, 2002).

Isso já nos bastaria para afirmar serem relevantes e fundamentais as ações em rede em nível acadêmico, pois, neste campo, “há trabalho a empreender, trabalho de campo, de gabinete, de escritores e universitários, como contribuição para o autoconhecimento, base da solidariedade, entre os povos latino-americanos” (Aguiar, op cit. p. 68). Contudo, o que se tem percebido ao longo dos últimos anos é que, embora se trabalhe com uma inteligência coletiva (Levy, 1994), apta a desenvolver trabalhos em grupo, em equipe, falta uma motivação (externa) para que isso ocorra. Como

coordenador de uma rede acadêmica, que tem como geopolítica a própria América Latina, temos percebido que esta motivação está focada na ausência de possibilidade de encontros, na maioria das vezes não formais, com o objetivo de reunir estes investigadores. A partir desse panorama, tenho de concordar plenamente com a afirmação de Aguiar, visto que, de fato, todos parecem estar de costas uns para os outros, esperando que suas instituições tomem a iniciativa de provocar encontros que reúnam os investigadores. É preciso ousar.... sobretudo, ousar.

E essa ousadia faz-se necessária porque, vivendo sob o conceito da globalização, o que significa viver em uma sociedade em/de redes, o conhecimento tem sido, antes de tudo, circulante, múltiplo, multi/interdisciplinar, híbrido, interconectado, ou seja, bebe em todas as fontes disponíveis e cruza as fronteiras, sejam elas geográficas ou não desse mesmo conhecimento. Não há mais um sentido ou um sentimento de identidade único, mas um algo que no campo da literatura chamamos de “pertencimento”, visto que estar em uma rede, ou fazer parte dela, é, sobretudo, sentir-se pertencente a algo.

Nesse contexto, exigir-se-á do investigador um comportamento distinto diante do outro e uma nova compreensão a respeito do sentido/significado de rede faz-se necessária, pois estar junto ou ter esse sentimento do pertencer requer de seu participante novas atitudes na construção dessa interação, tais como: abandonar o individualismo; evitar crises de protagonismo; saber, definitivamente, trocar; aceitar que o outro é um semelhante, é um par, um companheiro de trabalho (em rede); ou seja, ele precisará inovar/avançar em seu intercâmbio; precisará, ainda, estabelecer uma nova inter-relação de solidariedade, desenvolver uma visão estratégica de cooperação investigativa/acadêmica, entre outros sentidos. A esses “pertencentes”, estar em uma rede significa, antes de tudo, aumentar, extraordinariamente, seu poder de comunicação, e como o homem não vive sozinho, isolado ou em silêncio, aperfeiçoar o trabalho em rede parece ser, efetivamente, nosso futuro.

Na América Latina, uma grande leva de investigadores tem tentado ultrapassar esta linha do distanciamento participando de eventos e, muitas

vezes, investindo seu próprio capital, no intuito de estarem juntos, conectados, o que tem sido imensamente positivo não só para as relações interpessoais, mas para a produção conjunta do conhecimento. As ações acadêmicas, quase sempre, nascem desses contatos particulares, individuais e temos visto que, quase sempre, a posteriori, as instituições são levadas, como consequência positiva, a firmarem convênios e a estabelecerem outros projetos formais/legais. Este ato passa a ser o melhor caminho para estas relações em rede, especialmente por envolver aspectos culturais, sociais, políticos, mensagens e, sobretudo, pessoas, como lembra Santos (2014).

Nesse sentido, ainda, e com tal propósito, o crítico literário uruguaio Ángel Rama costumava repetir que “El intelectual latinoamericano debería asumir como tarea prioritaria el conocimiento, el contacto, el intercambio con los países de América Latina en la medida de sus posibilidades, sea viajando, sea cambiando cartas” (Candido, p. 263, 2001), ou, em dias atuais, através de correios eletrônicos, mensagens de ferramentas de mídia, etc.

Então, a pergunta é: o que estamos fazendo ou como o estamos fazendo, ou com quem estamos fazendo este contato *em* ou *de* rede na América Latina? Com quem estamos trocando informações, propondo ideias, buscando novos desafios, investigando novas possibilidades como pessoa comum, como cidadão, como professor, como intelectual? E se trabalhamos sozinhos, como interactuar?

Para interactuar e trabalhar em rede, antes de tudo, necessitamos estar abertos à ideia do outro e para algumas áreas no mundo acadêmico, isso parece ser inaceitável, quase uma ameaça, não tanto pelo câmbio do conhecimento, mas porque há um outro. Então, como compartilhar nosso conhecimento em um continente tão carente de trocas de informação? Como retornar à sociedade este conhecimento em soluções para seus problemas?

Refletindo sobre essa temática, o professor Ricardo Donato Salvatore lançou um livro, em 2007, cujo título é “Los lugares del saber – contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno”, no qual apresenta uma discussão, ou uma pergunta, a respeito desse nosso enraizamento de saberes, ou do saber que tem, muitas vezes, a voz do outro, quase sempre imbuída de um pensamento europeizante, ou de fala inglesa,

como reforça o argentino Guillermo Ranea (2007, p. 35), e transformamos em nossos próprios discursos, sem muita ou pouca reflexão. Em um continente colonizado como o nosso, que ainda sofre com a questão da própria identidade, que ainda se pergunta se deve ser ou tornar-se latino-americano (Rocca, 2005), a tarefa fica mais difícil quando temos que articular esse saber “local” com a comunidade que está fora dos muros acadêmicos, ou em seu entorno, e esse tem sido o maior desafio de redes acadêmicas como a Internacional del Conocimiento<sup>3</sup> e Diálogos en Mercosur<sup>4</sup>, duas das principais redes acadêmicas ativas hoje no continente, visto que provocar seus colaboradores a saírem de sua área de conforto, sugerir que pensem por si próprios não tem sido muito fácil. Ainda assim, tentamos e aos poucos vamos mudando essa mentalidade.

No contexto atual, vivemos um tempo novo, ou como escreveu Salvatore, um “tempo moderno”, e como tem dito e repetido Manuel Castells, vivemos a *Era da Informação (1997)*, uma vez que nós todos vivemos mais que nunca em rede. Flávio Aguiar estava certo quando nos provocou ao afirmar que a América Latina não existe, mas que precisa ser (re)pensada, imaginada, construída, feita, preferencialmente, com as próprias mãos, visto que, a exemplo da globalização, que não é apenas uma ideia, tampouco chega a ser um fato: é um trabalho em andamento (Onofre, 2002), e este continente está em eterna construção! Seus habitantes estão a espera por respostas, sugestões e, mais que isso, o sonho de um pedaço de terra muito melhor; logo, os intelectuais precisam dessa articulação em rede para, juntos, na medida do possível, desafio e ousadia, sugerirem mudanças inteligentes.

Muitos grupos acadêmicos, constituídos em rede ou não, tem tentado se articular, a partir dos encontros em congressos, reuniões, etc., com o objetivo de pensar, sobretudo, a própria condição de ser latino-americano. Redes acadêmicas como as já citadas, a Internacional del Conocimiento e Diálogos en Mercosur, JIAI, que atua no campo dos Direitos Humanos e acesso à Informação, por exemplo, tem servido de base e proporcionado

---

<sup>3</sup> Rede acadêmica criada e coordenada pelo filósofo chileno Eduardo Deves, docente no Instituto de Estudos Avançados, da Universidade de Santiago, Chile.

<sup>4</sup> Rede acadêmica criada pelo Prof. Tulio Medeiros, em 2010.

estes encontros nas mais variadas cidades do continente, abrindo espaços de discussão e formulação de trabalho e ações em rede. Como resultado, muitas outras redes tem surgido com a proposta de estabelecer enlaces, aprofundar suas relações afins e abrir novos espaços dentro do ambiente acadêmico.

A partir destas ações que podemos considerar até este momento tímidas, pode-se afirmar que o sonho de uma América Latina unida parece ainda estar longe de ser alcançada; contudo, repedindo uma vez mais Aguiar, “pode ser até que dê certo. Pode ser que dê frutos” (Aguiar, 2002).

### **Bibliografia**

- Aguiar, Flavio. “A América Latina não existe”. In. *Fronteiras Culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*. Org. Maria Helena Martins. São Paulo, Ateliê Cultural, 2002.
- Castells, Manuel. *La era de la Información. Economía, Sociedad y Cultura*. Vol. I. Siglo XXI. Mexico D.F. 2008.
- Literatura e História na América Latina: Seminário Internacional, 9 a 13 de setembro de 1991* / organizadores: Ligia Chiappini e Flávio Wolf Aguiar; Tradução de Joyce Rodrigues Ferraz (espanhol), Ivove Daré Rabello e Sandra Vasconcelos (francês). – 2 ed. – São Paulo : Edusp, 2001.
- Santos, Milton. *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. São Paulo, Edusp, 2014.
- Rama, Ángel. *Literatura, cultura, sociedade en América Latina*. Montevideo, Trince, 2006.
- Ribeiro, Darcy. *Diálogos latino-americanos : correspondência entre Ángel Rama, Berta Ribeiro e Darcy Ribeiro*. Organização, estudos e notas de Haydée Ribeiro Coelho e Pablo Rocca. 1 ed. São Paulo, Global, 2015.
- Ricardo Salvatore. *Los lugares del saber* / Ricardo Salvatore ; Karina Galperin ; Garnt Farred ; compilado por Ricardo Salvatore. 1 ed. Rosario : Beatriz Viterbo Editora, 2007.